

EXPERIÊNCIAS SOCIAIS, INTERPRETAÇÕES INDIVIDUAIS: histórias de vida, suas possibilidades e limites.*

Suely Kofes**

"Car le sujet ne récite pas sa vie, il réfléchit sur elle tout en la racontant" (Bertaux, D.)¹

"The life history is a product of its author's desire for a recognition by essentially complex Other. It is evocative as well" (Crapanzano, V.)²

I.

A utilização de histórias de vidas - *latu sensu* -, na antropologia, tende responder à distintas indagações: documento cultural (a autobiografia de Baba de Karo); reconstrução de um processo sociocultural através de uma experiência particular (a

* Texto apresentado no *Seminário Internacional del Uso de Histórias de Vida en Ciências Sociales*, Universidad Externado de Colombia - Villa de Leyva - março de 1992. Também foi apresentado no *XVI Encontro Anual da ANPOCS, 20 A 23 de Outubro, Caxambú, Minas Gerais, 1992. GT: Relações Sociais de Gênero*.

** Professora do Departamento de Antropologia - IFCH/UNICAMP. Membro do Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu.

¹ BERTAUX, D.: L'approche biographique. Sa validité methodologique, ses potentialités", *IN Cahiers Internationaux e Sociologie*, LXIX, n° 2, Juil.- Déc. 1980, pp. 198-225.

² CRAPANZANO, V.: *Tuhami: Portrait of a Marocain*. Chicago and London, the University of Chicago Press, 1980. p. 10 em especial.

Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 117-141.

história de vida de Taso); demonstração da tese da ineficácia de civilizar sociedades indígenas separando, e depois reintegrando, algum ou alguns indivíduos (O Professor Tiago Marques Aipoboréu); um texto formulado no, e formulando o, encontro etnográfico (Tuhami), entre outras.³

Pretendo analisar duas histórias de vida considerando-as como interpretações individuais de experiências sociais. Estarei atenta à distinção entre "estórias de vida e "histórias de vida", "biografia" e "autobiografia". Evidentemente em todos estes casos trata-se do levantamento de toda, ou de uma parcela, da vida de um indivíduo, mas em minha análise estarei me referindo a "estórias de vida" e ainda assim no sentido preciso de que se trata: 1º) de relatos motivados pelo pesquisador e implicando sua presença como ouvinte e interlocutor 2º) de um material restrito à situação de entrevista. Isto é, estarei considerando apenas o que foi narrado ao pesquisador pelo entrevistado sem a complementação de outras fontes; 3º) daquela parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia.

As duas estórias de vida que serão analisadas situam-se no quadro de uma pesquisa sobre a relação entre mulheres, patroas e empregadas domésticas. Nesta pesquisa utilizei vários instrumentos: entrevistas, observação do cotidiano doméstico (como situação social) em um período de tempo (uma semana em cada uma de três unidades domésticas); aplicação de questionários (amostra de 600 questionários, na cidade de Campinas, SP., Br.), análise quantitativa de fichários de creche; levantamento de material- em agências de emprego, instituições

³ Refiro-me às obras, respectivamente, de: SMITH, M.: *Baba de Karo*. Paris, Terre Humain, Plon. 1969; MINTZ, S.: *Worker in the Kane. A Puerto Rican life History*. New York, W.W. Norton & Company Inc. 1974; BALDUS, H.: *Ensaio de etnologia brasileira. 2ª ed.* São Paulo, Companhia Editora Nacional; Brasília, INL/MEC, 1979 (Coleção Brasileira; v. 101); CRAPANZANO, V.: Op. cit. 1980.

filantrópicas e municipais, textos jurídicos e de jornais- relativo ao emprego doméstico e à relação entre patroas e empregadas domésticas. Desta pesquisa resultou uma tese de doutorado onde apresentei uma etnografia da relação entre patroas e empregadas e discuti o tema da diferença e identidade entre mulheres.⁴

Situada a pesquisa que me permitiu acesso às estórias de vida que vou analisar, situo a leitura que delas farei. Vou considerar as duas estórias de vida em três dimensões: 1^a) na situação de entrevista; 2^a) como narrativas (sobre o que fala o sujeito entrevistado e como constroi sua narrativa); 3^a) as possibilidades analíticas, para o pesquisador. Alguns pressupostos norteiam minha análise. O primeiro é que a estória de vida adquire maior relevância quando se considera as três dimensões a que me referi, sem que se privilegie uma ou outra. O segundo, e como decorrência é que, situados nestas três dimensões os relatos de histórias de vida não seriam vistos como desconexos e incoerentes e, portanto, fadados a só adquirirem sentido quando reordenados pelo pesquisador. Considerados como narrativas, com sentido interno, situados na interação da pesquisa, e nas suas possibilidades analíticas, os relatos podem ser lidos na ordem que lhe deu o entrevistado. O arranjo interno feito pelo pesquisador, e para que possa ser lido por este, coloca a narrativa naqueles casos em que a ordem dos fatores altera o produto. Preservada esta leitura da narrativa, como um texto com seqüência interna, e inter cruzando suas partes com partes de outras narrativas integrais, o pesquisador poderá produzir sua própria análise, suas explicações, suas interpretações, enfim seu próprio texto. E, finalmente, o último pressuposto é que as estórias de vida contêm informações, evocações e reflexões.

⁴ A tese intitulada *Mulher: Mulheres: Diferença e Identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade: interação e relação entre patroas e empregadas domesticas*, foi defendida no Departamento de Antropologia, FFLCH-USP, SP, em 1991.

Assim consideradas as histórias de vida sintetizariam a singularidade do sujeito - suas interpretações e interesses -, a interação entre o pesquisador e o entrevistado, e também uma referência objetiva, que transcende o sujeito e informa sobre o social.

Sintetizando, as histórias de vida estarão sendo consideradas como: fontes de informação (falam de uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata); como evocação (transmitem a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito); como reflexão (contêm uma análise sobre a experiência vivida. Neste sentido, o próprio entrevistado articula reflexão e evocação). Caberia ao pesquisador, ao ler a narrativa da história de vida, levar em conta estes elementos, considerá-la na situação de entrevista e também intercruzá-la com outras narrativas. A não-atenção a esta complexidade poderá levar a duas interpretações opostas: o da objetividade plena do relato (tomá-lo apenas como informação) ou o da subjetividade plena do relato (tomá-lo apenas como evocação). Estou propondo que as histórias de vida sejam consideradas como contendo ambas, e estarei, neste texto, ensaiando uma tentativa nesta direção. Estarei intercruzando (porque meu recorte temático é uma relação) duas histórias de vida, e é minha intenção, em outro momento, ampliar o leque dos intercruzamentos.

II. Duas histórias de vida: uma relação

A história de vida de Isabel

À pergunta inicial, sobre quando começara a trabalhar, Isabel respondeu:

*"Trabalhar eu comecei desde pequena.
Minha mãe ia pra roça e eu ficava em casa.
Quando eu tinha 12 anos foi que minha professora
de grupo me chamou para trabalhar na casa dela"*

Ao motivar o início da estória de vida com esta pergunta ("quando começara a trabalhar") tive como objetivo delimitar o fluxo de lembranças da entrevistada em relação ao tema da pesquisa e, portanto, ao interesse do pesquisador. Ao responder, já neste início, e também no decorrer da narrativa, a estória de vida de Isabel me passou informações que, comparadas à outras entrevistas e outras fontes, poderiam ser generalizadas: sobre a idade com que as meninas, na classe social onde são recrutadas as empregadas domésticas, começam a realizar as tarefas domésticas e quando saem para o trabalho fora de casa; sobre os mecanismos pelos quais as classes superiores contratam empregadas; sobre o processo de aprendizagem das tarefas domésticas e sua rotina; sobre uma das formas de migração (da área rural para uma pequena cidade e desta para uma cidade grande); sobre o processo de aprendizagem cultural no meio urbano e a comparação, do ponto de vista dos hábitos culturais, entre este novo meio e o meio social anterior; sobre a relação com outras empregadas em uma mesma casa; sobre a rede de amizades entre empregadas de uma vizinhança; sobre a evolução dos salários; sobre o tempo de trabalho; sobre a negociação que se faz entre as leis trabalhistas e alguns dos mecanismos de caráter personalista, etc.

Ao intercruciar esta estória de vida com outras foi possível encontrar recorrências, esclarecimentos de pontos ainda obscuros, mas também aspectos que singularizam esta experiência e sua interpretação.⁵ Esta singularidade fica mais

evidente, me parece, quando a estória de vida é lida como um texto, respeitando-se o desencadeamento da narrativa dado pela entrevistada. Desta forma a narrativa de Isabel mostra uma estruturação própria e que se apresenta em dois eixos fundamentais: a oposição tempo das obrigações x tempo livre e a oposição patroa ruim x boa patroa. O primeiro eixo ordena todo o seu relato: a comparação entre sua vida antes de vir para a cidade grande e depois; entre o trabalho doméstico e outras profissões; entre os empregos anteriores e o atual. Ao descrever cada um dos empregos que teve ela o faz sob a oposição entre o tempo que tinha para si - o tempo livre - e o tempo das obrigações, sendo que o primeiro seria maior ou menor conforme as características da patroa (a segunda oposição).

Mas esta estruturação interna da narrativa só se tornou clara através de um fato que lhe é "externo": a situação da entrevista. Antes de levar em conta esta situação eu já me dava conta que a narrativa de Isabel enfatizava a liberdade, a importância do tempo livre e a classificação das patroas. Mas foi recentemente, quando reencontrei umas anotações que eu fizera sobre as condições de cada entrevista durante a pesquisa e que

⁵ Os inter cruzamentos que me parecem particularmente interessantes seriam: as estórias de vida de duas empregadas, Laura e Laís. Laís, 30 anos, negra, separada, com 4 filhas, foi empregada doméstica boa parte de sua vida. Teve experiência política como presidente da Associação das Empregadas Domésticas, em Campinas, militou em grupos de mulheres e foi candidata a vereadora. Tornou-se, mais recentemente, "congeladeira", o que era visto como uma "ascensão" profissional. O que estrutura sua narrativa é a recorrência das reivindicações políticas sobre a situação das empregadas domésticas e das mulheres. Apesar das distinções há, entretanto, algumas semelhanças com a estória de vida de Isabel. Laura, 29 anos, solteira, não é filha de empregadas domésticas, como Laís e Isabel, e só começou a trabalhar como empregada doméstica aos 19 anos, o que é um início bem tardio considerando a trajetória da maioria das empregadas domésticas. Exerceu, com intermitências, este trabalho e, também migrante, seu último emprego como empregada doméstica foi também seu primeiro emprego em São Paulo: onde continuou seus estudos e tornou-se secretária. Sua narrativa estrutura-se pela ênfase na diferença entre as classes e nos novos hábitos que pode aprender nas casas em que trabalhou e na sua negação em se considerar uma empregada doméstica.

Outra estória de vida cujo inter cruzamento é interessante é a de uma patroa, mãe de Beatriz, principalmente porque mostra a diferença na relação com a empregada e com o trabalho doméstico, considerando diferentes gerações.

ficara perdida um tempo considerável, é que eu pude ler a importância destes elementos como estruturadores da narrativa. Descobri nestas anotações que Isabel é quem pedira para ser entrevistada quando soube da minha pesquisa através de uma amiga que já tinha sido entrevistada. Isabel justificou seu pedido dizendo à pesquisadora: *"eu quero que saibam do meu trabalho"*. Após o encontro destas anotações reli a narrativa e suas observações finais adquiriram outra relevância:

"Assim, acho que a situação da empregada depende da patroa. O meu não acho bom mas tem empregada que tem sorte. Se eu tiver que pedir alguma coisa assim para alguém, que fosse melhorar a situação da empregada, a primeira coisa que eu pediria é ter regulamento com horário de trabalho. Tem empregada que tem folga, a patroa viaja, mas a maioria emenda o dia com a noite, não ganha a hora a mais que trabalha".

Ao pedir para ser entrevistada Isabel estava, estrategicamente, procurando alternativas ao seu presente. Se acrescentarmos ainda as características de classe e de gênero da entrevistadora, e que a identificava à patroa, entenderemos o que levou Isabel a construir uma narrativa com os eixos a que me referi acima. O sentido de sua narrativa e das oposições que a estruturam está na sua situação presente. Neste caso, seria preciso reler a narrativa de trás para a frente, do final ao começo mas considerando o final e o começo na seqüência dada pela entrevistada. Em síntese, parece-me que não é a narrativa da entrevistada que precisa ser reordenada, mas sua leitura.

Na época da entrevista Isabel tinha 28 anos. Trabalhava em uma casa há mais de 8 anos e morava na casa em que

trabalhava. Esta condição - de morar onde trabalhava - a colocava sob a obrigação diária de preparar o café da manhã e servir o jantar, o que resultava em uma jornada de trabalho que começava à 6 horas e terminava às 21 horas. Tinha um quarto, seu, mas era proibida, pela patroa, de receber amigas e parentes ("*a minha casa não é jardim*", teria lhe dito a patroa). Portanto, fora o domingo, de quinze em quinze dias, quando tinha sua folga, convivía basicamente com a família que a empregava.

Sua descrição do presente, e sua reflexão sobre ele, enfatizavam a ausência de um tempo e de um espaço pessoais e sociais, e uma relação extremamente tensa com sua patroa. A partir deste presente, pela sua negação, ela idealizava o passado e esboçava um futuro possível.

Recorrendo ao início de sua narrativa encontrei nela um momento, bem depois da resposta à minha pergunta inicial, que é um marco nas suas reminiscências. Este momento foi narrado por meio de uma metáfora e foi quando sua fala adquiriu tons mais íntimos. Foi claramente um momento onde a evocação ganhou relevância sobre a informação (embora, evidentemente, não estejam separadas creio que há momentos com em que uma ou outra adquira mais relevância):

"Sabe que eu viajei a noite inteira de pé e tava feliz da vida... parece que eu tava saindo... que nem um pássaro que tava preso na gaiola e abriram as portas e ele saiu, sabe?"

Isabel tinha então 20 anos. Oito anos depois, e para acompanhá-la em sua metáfora, ela se via em outra gaiola. Ser entrevistada adquiria o significado - outra esperança frustrada - de que se abriria esta nova gaiola: o futuro possível. Mas que futuro? Ao mundo de obrigações intermináveis Isabel opõe um horizonte em que ela teria tempo. Tempo pessoal (que ela

qualifica como um tempo para cuidar do seu cabelo, de suas unhas, sair com as amigas; para namorar e possivelmente casar); um espaço próprio (que, conforme ela, lhe permitiria receber suas amigas e parentes). A ausência disto - seu presente - é atribuído por Isabel ao fato de que ela mora no emprego. O que se resolveria ou se ela morasse em outro lugar ou se tivesse uma outra patroa que não a atual. A narrativa de Isabel é plena de caracterizações de sua atual patroa (atual aqui tendo em vista a época da entrevista) e da relação entre ambas: com detalhes são recriados diálogos, recompostos gestos, humores, tons de voz. Comparando a descrição desta patroa com a que é feita de patroas anteriores nota-se que é com referência à atual (e em oposição) que as anteriores são descritas.

Com uma leitura desta estória de vida que considerou a situação em que foi contada (a intenção da entrevistada, quem foi a entrevistadora e o tema da entrevista) e a narrativa com sua seqüência integral (e onde a entrevistada articula informação, evocação e reflexão) e ainda tendo outras entrevistas como referência, eu me permitiria sugerir:

1º) a estória de vida como expressão de interpretações e de experiências individualizadas. Comparada a outras, a estória de vida de Isabel é única. É também singular a estruturação de sua narrativa: os eixos tempo das obrigações : tempo livre e patroa boa : patroa ruim, suas metáforas e a recriação detalhada de seu cotidiano. Também é singular o interlocutor que ela elege: uma patroa idealizada, síntese entre as que ela efetivamente conheceu e a que aspira.

2º) a interconexão desta experiência com outras. Nesse sentido há semelhanças entre a estória de vida de Isabel e a de outros sujeitos que compartilham com ela a experiência de serem empregadas domésticas que moram na casa onde trabalham. E estas semelhanças estão impressas nas narrativas através de

referências à ausência de tempo e espaços próprios e a um aguçamento das tensões na relação com a patroa.

3º) a interconexão desta experiência com a de outros sujeitos que compartilham com ela a experiência de serem empregadas domésticas, mesmo quando não moram na casa onde trabalham. Estas semelhanças imprimem-se nas falas das entrevistadas quando, referido-se à sua condição de empregadas e à relação com as patroas, se utilizam de categorias que tanto expressam relações da ordem familiar quanto os deveres e obrigações da ordem das relações de trabalho; remetem às diferenças e às desigualdades entre suas condições de vida e a da patroa mas buscando um reconhecimento comum em uma categoria - mulher - e que termina por formular o "patroa como amiga". No plano da narrativa é recorrente a informação sobre cotidianos e hábitos culturais diversos pois circulando em meios sociais distintos e desiguais (rural e urbano, classes subalternas e classes superiores), ao falar de suas vidas informam, e expressam, suas reflexões sobre distintos universos sociais e culturais.

4º) a interconexão desta experiência com aquelas relatadas pelas patroas. Nas estórias de vida das patroas também há uma reflexão sobre o universo doméstico, sobre o cotidiano doméstico, sobre as tarefas domésticas e sobre a relação com as empregadas. Embora muitas categorias sejam codificadas diferentemente (a de "ser humano", por exemplo), e outras estarem ausentes (de "amiga", para classificar a empregada, por exemplo) e outras ainda lhe serem próprias (a de "estranha", por exemplo), é recorrente, nas falas de patroas e empregadas, a caracterização da domesticidade como escravizadora e, em muitos casos, como também aprisionadora a relação entre ambas. Como se constituíssem uma para outra o mais desejado outro indesejável, em um mesmo que, ambas, gostariam de descartar.

A estória de vida de Beatriz

À pergunta inicial, desde quando tivera empregadas, Beatriz respondeu:

"Bom, sempre tive empregada na minha casa, desde que nasci. Agora, depois de casada, e depois que você tem filho e que você começa mesmo a sentir o drama"

A estória de vida de Beatriz também contém uma série de informações: sobre os mecanismos para a contratação de empregadas, sobre as ritualizações na casa e na interação com o significado de delimitar quem é a patroa e quem é a empregada; sobre o medo do roubo e sobre como acontecem alguns dos roubos efetivos e o que é passível de ser roubado; sobre como deveriam ser desempenhadas as tarefas domésticas e o que cabe ou não à empregada realizar no cotidiano doméstico, e sobre a própria organização deste cotidiano. Algumas destas informações foram recorrentes em outras entrevistas e também em outras fontes.

A narrativa de Beatriz também apresenta uma estruturação própria, e seus eixos são: um, a oposição limpeza, higiene : sujeira, outro, a oposição sua família : a empregada como estranha. Estes eixos se cruzam na narrativa formando um par: estranha à família (a empregada) e sujeira.

A descrição das várias empregadas que teve (descrição minuciosa de seus comportamentos e da relação que estabeleceram, com recriação dos diálogos, gestos, eventos) é ordenada pela oposição limpeza: sujeira, família: estranha. A limpeza da casa e da família se sobrecodificam, e fica difícil separar o que são os elementos de higiene e o que seria sujeira moral e social. A cada observação sobre a falta de cuidados de

suas empregadas com a limpeza da casa seguem-se observações sobre a sujeira moral e social que a empregada - uma estranha - representa para a sua família. Há, inclusive, em vários momentos de sua fala a metáfora animal: "*soltar a empregada*", "*bichos do INPS*", compensando a presença física da empregada (que lhe é necessária) com sua exclusão simbólica.

Um dos momentos evocativos mais fortes da entrevista foi a narrativa de um roubo que uma empregada teria feito. Ao recriar a situação do roubo, Beatriz enumerava um a um os objetos que teriam sido roubados, e os descrevia bem como ao que lhe significavam (uma viagem a Europa, um presente de casamento, momentos especiais com o marido).

Para a compreensão deste eixos que estruturam a narrativa de Beatriz haveria duas chaves. Uma, o seu ideal de mulher e de família conjugal e que ora mais implicitamente, ora mais explicitamente, podem ser lidos na narrativa. Esta idealização implica uma recriação do que é concebido como feminino, onde a mulher estaria atenta à organização doméstica, à sua família combinados a um projeto profissional. A família, neste caso, implicaria privacidade e intimidade. O primeiro projeto, considerando a tradição em que foi educada, coloca, para Beatriz a necessidade de uma empregada, o segundo exclui a presença da empregada. A descrição do roubo, e os comentários adicionados, dramatizaram esta tensão, e daí, talvez, sua força evocativa. Outra chave advém da pergunta de porque esta idealização marca tão profundamente a narrativa de Beatriz. E para isto é preciso situar quem ouviu Beatriz. A entrevistadora, uma estudante de antropologia (mestrado) e feminista, e que era, na época, minha auxiliar de pesquisa, é irmã de Beatriz. Neste caso, quem foi a entrevistadora, creio, é crucial para se compreender porque a narrativa se estruturou nos eixos a que me referi. A entrevistada marcava sua diferença: nem era uma feminista como sua irmã, nem uma dona-de-casa tradicional

como a mãe de ambas. Sintetizou, tensamente, elementos de ambas e expressou esta "síntese" em sua fala. Mas havia outra diferença a ser marcada: tendo em vista os casamentos da entrevistada e da entrevistadora (a situação financeira dos maridos) Beatriz estaria marcando também sua distinta e superior condição social. Talvez fosse isto também que estivesse dizendo Beatriz ao enumerar tão minuciosamente os objetos que lhe foram roubados quando evocou o roubo que havia feito uma de suas empregadas.

A leitura desta estória de vida, situada em relação a situação de pesquisa e como narrativa, me permitiria sugerir:

1º) esta história de vida, como experiência e como narrativa, é singular. Particularmente a ênfase na limpeza e sujeira, e a sobrecondição moral e social desta oposição, lhe serve para classificar a empregada como estranha. Metáforas animais qualificam esta estranha, e uma solução técnica chegou a ser aventada: para Beatriz um robô seria a solução;

2º) a interconexões entre esta estória de vida e outras, de patroas que compartilham com Beatriz sua faixa etária, classe e a tentativa de combinar um certo estilo de ser dona-de-casa e a vida profissional. A caracterização da empregada como uma estranha, um "mal necessário", e o caráter escravizador das atividades domésticas é recorrente, embora não no grau e na combinação discursiva de Beatriz;

3º) a interconexão entre esta estória de vida e das outras patroas entrevistadas. Por exemplo, a referência a roubos, reais ou temidos, a ritualização na unidade doméstica para demarcar os limites entre patroa e empregada, entre a mulher patroa e a mulher empregada, entre quem é da família e quem é a estranha. E também pela ausência da categoria amiga para adjetivar a empregada.

4º) Como observei, na análise da estória de vida anterior, poder-se-ia considerar a referência ao cotidiano doméstico, a rotina das

tarefas domésticas, na sua descrição e avaliação, como compartilhados por patroas e empregadas em suas entrevistas. Entretanto seria preciso, considerando o nível de generalidade em que esta interconexão está sendo proposta, referir-me também, nesta generalização, aos distintos significados que estas referências adquirem quer se trate da patroa ou quer se trata da empregada. Na fala da patroa, considerar o doméstico como aprisionador ou escravizador significa ter mais tempo pessoal, para sua profissão, para sua família. E também livrar-se de tarefas consideradas desgastantes e enfadonhas. Para a empregada, a domesticidade está sobrecarregada pelo seu exercício também como um trabalho assalariado e, muitas vezes, pela ausência de um espaço social próprio. Desta forma, remeter-se à domesticidade como escravizadora passa por uma analogia mais direta com a escravidão. Resguardadas estas diferenças fica, entretanto, mais nuançada ou mais direta, a comum afirmação das tarefas domésticas como escravizadoras e, também comum a ambas, patroas e empregadas, a recorrente aspiração de um "tempo para si".

III. O doméstico: experiência compartilhada, diferenciada e diferenciadora.

As duas histórias de vida que analisei referem-se a uma experiência compartilhada. Vou designá-la, com um mínimo grau de abstração, por uma categoria: doméstico. Compreendida como uma categoria e não como o usual adjetivo: grupo *doméstico*, trabalho *doméstico*.⁶ O campo semântico desta

⁶ O termo "doméstico" tem quase um estatuto conceitual na antropologia, mas quase sempre como um adjetivo: "domestic groups", "domestic functions". Sobre este tema são, particularmente, importantes: FORTES, M: "The Developmental Cycle in Domestic groups", IN GOODY, J. (ed.):

categoria - e que foi construído êmicamente⁷ - inclui concepções sobre a domesticidade, atividades, posições, relações e espacialidade domésticos, mas não se confundiria com seus referentes como unidade doméstica, relações familiares, trabalho doméstico e espaço doméstico, embora os contenha. Desta forma, doméstico está sendo compreendido como sentido, não como esfera.

As relações familiares e a unidade doméstica são constituídas por homens e mulheres mas o doméstico, da forma como o defini, gramaticalmente masculino, é uma categoria de gênero feminino: define-se por, e é definidor de feminino.

Concebidos como femininos, ambos - mulher e doméstico - pode ser mais compreensível porque, em sociedades modernas, mulheres, que realizam as mais distintas experiências profissionais, encontram-se ainda associadas ao doméstico. Sabemos, desde Durkheim e Mauss, que as categorias classificatórias distinguem, e também relacionam, opõem e também estabelecem junções.⁸

Além de concebido como feminino também não é muito raro, pelo contrário, encontrarmos o doméstico caracterizado como privado, ou da ordem do privado. Naquele sentido de um domínio da intimidade, do interno, do afetivo, do familiar, das

Kinship. London, Penguin Books. 1971; YANAGISAKO, S. J.: "Family and household: the analysis of Domestic Groups", *IN American Rev. Anthropological*, 8. 1979, pp. 165-205; BENDER, D. R. : "A refinement of the concept of household: The analysis of Domestic Groups". *IN American Anthropologist*, 69. 1967, pp. 493-504.

⁷ Utilizo êmico no sentido daquela distinção linguística "fonêmica" e "fonética": fonêmica, uma classificação dos sons de acordo com a sua função interna na linguagem, e fonética, de acordo com suas propriedades acústicas. Em antropologia, usualmente, êmico, e ético, referem-se a distinção entre categorias internas dos grupos ou sociedades estudados (Êmico) e as categorias e conceitos do antropólogo (Ético). E que corresponderiam ao que se designa como "experiência de perto" (atenta às elaborações dos próprios sujeitos sob observação) e à "experiência distanciada" (as elaborações do pesquisador).

⁸ DURKHEIM, E. e MAUSS, M.: "De quelques formes primitives de classification", *IN MAUSS, M.: Oeuvres. vol.2*. Paris, Minuit.

relações pessoais. O mundo da casa, não da rua: do secreto e íntimo, não da publicização; da pessoa, não do cidadão.

Evidentemente, são várias as discussões embutidas nas análises sobre o privado e o público. Discussões que, em maior ou menor grau, explícita ou implicitamente, são limitadas pelo caráter jurídico desta terminologia e pelo seu caráter dicotômico. A grande dicotomia de que fala Bobbio.⁹ Mesmo as análises que reagem a um binarismo radical não escapam da dicotomia intrínseca a esta oposição. Pensemos em Sennet. Diz este autor que para falar "*destes dois domínios, é necessário pensa-los como uma molécula: são modos de expressão humana concorrentes, localizados em diferentes situações sociais, e que são corretivos um do outro*".¹⁰

Supondo que o que está sendo transmitindo é a idéia de um agrupamento contendo elementos distintos, ainda se preserva o termo domínios, localizações, para se referir ao público e ao privado. Em Sennet, como em Arendt, de formas diferentes, pressupõe-se a distinção entre público e privado. No primeiro, lamenta-se a imposição da intimidade, que seria característica do privado, sobre o público onde deveria valer a impessoalidade. Em Arendt, afirma-se a necessidade de manter a distinção, e não a identificação, entre o que ela designa como esfera do público e do privado.¹¹ Mas há uma inversão do argumento de Sennet: o temor de Arendt é que em se dando esta identificação o coletivo - o público, o comum - tenderia a anular a intimidade. Lamentando a tirania da intimidade - privado anulando o público - ou temendo-se o totalitarismo - público anulando o privado -

⁹ BOBBIO, N.: "A Grande Dicotomia: público e privado", IN BOBBIO, N.: *Estado, Governo e Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

¹⁰ SENNET, R.: *O declínio do Homem público. As tiranias da intimidade*. 1989.

¹¹ ARENDT, H.: "Public Rights and Private Interests; in reponse to Charles Frankel". IN MOONEY, M. e STUBER, F.(ed.): *Small comforts for hard times: humanists on public policy*. New York and Columbia, University Press, 1977.

ambos os autores apontam para o risco da indistinção entre as duas esferas.

Em um curto artigo, Ledrut propõe que se pense os dois termos, público e privado, como um par semântico e sob constante relação recíproca. Para este autor não haveria, na sociedade moderna, ao contrário das interpretações tipo Habermas e Arendt, uma diminuição ou redefinição invertida da esfera pública. Público e privado - par semântico - seriam, ambos, definidos pela reciprocidade constante e diferenciada.¹² Se eu bem compreendo a sugestão de Ledrut, manter-se-ia a diferenciação entre os dois termos, mas suas relações estariam sujeitas a redefinições, o que desafia a concepção de público e privado como esferas (e conteúdos fixos). Este desafio é interessante porque, no sentido jurídico da dicotomia público: privado, a pertinência a um domínio é fundamental. Como lembra Lafer:

*"Público e privado constituem uma das grandes dicotomias do direito. E por esta razão que Radbruck, reconhecendo a sua importância, entende que os conceitos de Direito Público e Direito Privado são categorias do pensamento jurídico, no sentido de que tem sempre cabimento indagar a propósito de qualquer preceito jurídico a respeito do domínio a que pertence."*¹³

Discutir a dicotomia público: privado, para resguardá-la ou descartá-la no plano conceitual (e é preciso enfatizar em que

¹² LEDRUT, R.: "La reciprocité du public et du privé", *IN Espaces et Sociétés, Juil.- Déc.* 1981, pp. 147-53.

¹³ LAFER, C.: *A Reconstrução dos direitos Humanos. Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo, Companhia das Letras. 1988, pag. 243.

plano estou situando as duas alternativas) requer mais tempo do que disponho neste texto. Ou de mais certezas do que as que disponho neste momento. Mas valeria ressaltar a observação de Dumont - em sua discussão sobre os sistemas de oposições binárias - sobre a importância de se levar em conta as situações em que atuam estas oposições, entendendo por situação, inclusive, mentalidades e valores.¹⁴

Poderíamos acrescentar que, sabemos, seria bem mais fácil operar com estas oposições se não tivéssemos que considerar também os sujeitos sociais, suas ações e interações. Isto é, sujeitos que não apenas se comportam mas que sentem, refletem sobre, negociam, mantêm e modificam o quadro estável das categorias. Poderíamos ainda acrescentar, também das "esferas".

Uma breve decodificação dos referentes da dicotomia público/privado apontaria: a oposição entre uma esfera restrita - um ou poucos - em contraposição a uma esfera ampliada - comum a todos - (pessoa/cidadão, individual/coletivo, interno/externo, exclusão/acesso a todos); a oposição político/não-político (intimidade/visibilidade, publicização; segredo/informação); a oposição sociedade/estado (economia/administração). Mas, poder-se-ia acrescentar outras, ora correspondentes ora incorporadas ao eixo público/privado: afetivo/racional; casa/rua; natureza/cultura; doméstico, familiar/social, civil; feminino/masculino. Evidentemente, e dependendo da análise, estas oposições podem ser dicotomizadas binariamente em um sistema de oposições, ou relacionadas, invertidas, combinadas. Mas, recorrentemente, doméstico é atribuído ao privado com quase todas as conotações subtendidas

¹⁴ DUMONT, L.(1978): "La Communauté anthropologique et l'idéologie", IN *L'Homme*, tome XVIII, numéro 3-4 (Juil. - Dec.). Paris, Revue Française d'Anthropologie 1978, pp. 83-110, particularmente pp. 102-103.

neste termo (personalismo, relações familiares, intimidade, afetividade, segredo, etc).

Retomemos agora as histórias de vida de Isabel e Beatriz, e concretizemos a experiência de doméstico a que estão se referindo. Este doméstico está sobrecodificado porque ambas estão dizendo dele através de uma relação social, vivida por uma na situação de patroa, e por outra na situação de empregada. Relação que se atualiza na unidade doméstica, e em meio às relações familiares da patroa. Como exercício de concretização, vou me utilizar de uma analogia teatral: o cenário é a unidade doméstica (entendida como residência composta de relações familiares e/ou outras relações). As personagens centrais (centrais, claro, considerando o meu recorte) nesta encenação são a patroa e a empregada. O texto é o doméstico.

Este texto, e neste texto, encontramos apenas o que está subentendido quando falamos de "esfera privada"?

Na sociedade brasileira, ainda hoje, as formas que tomam a relação entre patroas e empregadas domésticas, apresentam um leque bem variado. Estas formas dependem de combinações como: empregadas que moram na casa em que trabalham (com assalariamento "pleno" ou como "crias da casa"¹⁵) até as chamadas "diaristas".¹⁶ Estes dois casos são casos extremos: no primeiro há uma interação mais intensa e forte com a patroa e sua família (também dependendo, claro, do estilo de classe desta unidade doméstica, inclusive da dimensão arquitetônica da casa) e a segunda com interação mais rasa; se a unidade doméstica contém família conjugal ou extensa, ou outras formas de

¹⁵ "Crias da casa" designa as crianças ou adolescentes, geralmente parentes pobres mas não necessariamente parentes, e que são "adotadas" por famílias recebendo o encargo das tarefas domésticas. Na maioria das vezes são meninas, mas há também casos de meninos e que, enquanto crianças, também recebem estes encargos que, com o tempo, vão se modificando para outras atividades como motorista, etc.

¹⁶ Também chamadas "faxineiras", as diaristas trabalham um dia ou dois na semana, em cada casa. São pagas pelo dia de trabalho.

agrupamentos ou de pessoas sozinhas (poderíamos, por exemplo, encontrar esta relação entre homens e mulheres, e até eventualmente entre homens e homens); do ciclo de vida do casal, se há filhos pequenos ainda ou se os filhos já são adultos. Outras variações: grau do reconhecimento dos direitos trabalhistas, peso do salário ou da troca de benefício personalistas (quase sempre é uma combinação de ambos, a diferença sendo do grau de um e de outro); haver apenas uma, duas ou mais empregadas na casa.

Minha pesquisa recortou, na sua dimensão qualitativa, a forma mais recorrente e clássica: unidades domésticas, com família conjugal, classes médias, e onde a relação é constituída entre mulheres (que contratam e são contratadas e que resolvem entre si as regras da organização do trabalho doméstico e de sua interação e relação).

Um breve parêntese para observar um indício (aliás, não muito surpreendente) dos dados quantitativos: a participação dos homens (maridos e pais) nas atividades domésticas cai para a categoria de eventual (e não de frequente), de seletivo (não todas as atividades domésticas) em todos os casos em que há empregadas domésticas na casa. Poderíamos dizer que a presença da empregada doméstica reforça a atribuição feminina das tarefas domésticas. Em unidades domésticas onde há outras presenças femininas - filhas e avós - também cai a participação dos homens (os meninos quase nunca são citados como participando das tarefas domésticas). Mas, se há empregadas na casa, também diminui a participação destas outras presenças femininas (filhas, avós, por exemplo).

As experiências narradas por Isabel e Beatriz remetem àquela situação que qualifiquei de clássica, o que torna compreensível uma frase de Isabel, repetindo uma frase de sua mãe: "*patrão não fede nem cheira*".

Seria certamente mais fácil desenvolver uma análise que, pressupondo a classificação do doméstico como privado, se aplicasse, ao entendimento desta relação, os componentes implícitos na dicotomia público/privado. Desta forma esta relação - as categorias formuladas pelos sujeitos nela envolvidos e para expressá-la e a ritualização que a envolve - seria explicada pela atuação dos mecanismos familiares, afetivos, íntimos, pessoais. Mas não foi o que, empiricamente, encontrei, e nem me parece o caminho analítico mais adequado. O que encontrei foi um jogo ambíguo, onde estão presentes e atuam vários, e simultâneos, modelos. Esta ambiguidade não estando apenas explicitada pelos sujeitos entrevistados e/ou observados diretamente na interação cotidiana. Está também nos textos jurídicos, nas discussões políticas publicadas na imprensa nas épocas de discussões sobre a extensão dos direitos trabalhistas às empregadas domésticas, nos congressos de Associações de empregadas domésticas (algumas hoje transformadas em sindicatos) e na fala de uma presidente de um sindicato de patroas (patroas, no feminino).

Categorias como pessoa e cidadã (indivíduo com direitos); amiga e patroa; trabalhadora, profissional e ser humano; regras como confiança, calcada em relações interpessoais, e exigência de obrigações e direitos; negociação entre troca de bens pessoais e salário justo; de sentimentos, afetos e atitudes racionais na organização do trabalho, e na relação; jogo entre segredo e informação. Ambos, e não um ou outro, estão presentes, e a resultante é uma combinação complexa e variada.

Com esta relação, e nesta relação, o texto do doméstico que é encenado, retomando a analogia teatral, contém elementos que se poderia chamar do público e do privado. Esta ambiguidade, ou este hibridismo, talvez permita compreender porque tão recorrentemente (e eu lembraria as narrativas de

Isabel e Beatriz) se faz uso de noções como íntimo e estranha ou porque a ritualização na demarcação de limites, tentando distinguir o que se considera "misturados".

Mas há outra ambiguidade, e que diz respeito ao masculino e feminino. As relações familiares, concretizadas na unidade doméstica, são, idealmente, constituídas por um complexo de posições e papéis marcados pelo gênero: mãe, esposa, dona-de-casa (tomando uma geração apenas) seriam femininos. Quando a empregada doméstica - mulher - exerce seu trabalho em unidades familiares, se estabelece uma confusão estrutural - e para os sujeitos - entre as funções ou atividades na unidade doméstica e posições e relações familiares. Tendo em vista que mulher, como categoria substantiva, expressa, marcadamente, o que se considera como feminino a confusão não é tão incompreensível. Haveria, por um lado, uma expectativa de que a empregada desempenhe funções na unidade doméstica, e da família na unidade doméstica, mas não que ocupe as posições correspondentes a estas funções. Uma vez confundidos a ameaça pode tornar-se uma constante, gerando uma tensão que poderíamos chamar de efeito de espelhamento: duplicam-se mulheres onde se prevê uma. Dar conta desta complexidade exigiria mais elementos, e mais tempo. Mas, simplificando, e para terminar, as categorias e ritualizações que encontrei no universo desta interação, entre patroas e empregadas domésticas, caminham no sentido de afirmar uma das mulheres como empregada (no feminino) e a patroa como mulher. E do ponto de vista das discutidas identidades, de gênero ou entre mulheres, não encontrei nenhum indício, na fala das patroas, de um "nós, mulheres" em que estariam incluídas patroas e empregadas, mas a terceira pessoa, no singular e no plural, no feminino: ela, elas. Esta terceira pessoa, está também presente na fala das empregadas, mas há, neste caso, algumas elaborações que caminham no sentido de afirmar que a patroa

seria compreensiva (ou deveria ser) porque também "é mulher". O que, como já observei, culmina na categorização "patroa como amiga". Talvez fosse possível pensar que do ponto de vista estrutural, do que é definido pelo gênero, estejamos diante de uma identidade, mas do ponto de vista dos sujeitos, substantivamente mulheres, esta interação caminha em outro sentido.

Esta última ambiguidade me parece ter raízes antigas. O que me leva a trazer aqui uma crônica, que está no livro "Donnas e Donzelas", do início do século. Nesta crônica é narrado o suicídio de uma mulher. Após alguns parágrafos de suspense sobre o motivo do suicídio (ciúme? miséria inesperada? adultério? morte de um filho? loucura?), este é, finalmente revelado, através de um bilhete deixado pela Dna. Augusta Fernandes: *"Morro porque não posso suportar empregadas"*. A narrativa termina, e a autora diz para encerrar: *"Não seria de mulheres este livro, donnas e donzelas, se não houvesse um cantinho para falar das criadas"*.

Mulheres, donnas, donzelas, criadas, estas categorias flexionadas pelo gênero feminino expressam diferenças e desigualdades. Entre donnas e donzelas, entre donnas, donzelas e criadas. No último caso, as criadas são remetidas a um "cantinho". Mas, diz o dicionário, um dos sentidos de canto é ângulo. E ângulo, diz ainda o dicionário, é uma figura formada por duas retas que têm um ponto em comum.¹⁷

Compreender e explicar o que é compartilhado, comum, e o que é distinto e desigual, os pontos de junção e os de disjunção, continuam sendo, ainda, um de nossos grandes desafios.

¹⁷ Novo Dicionário Aurélio. Ed. Nova Fronteira.

IV. Uma relação entre duas histórias.

Comecei este texto referindo-me a algumas das utilizações de histórias de vida, na antropologia. Nos casos citados referi-me às narrativas de um só biografado e que, nem por isto deixaram de falar de sociedades e de processos culturais. Minha análise, entretanto, acabou por afirmar a importância de cruzar histórias de vida, inclusive situando neste inter cruzamento o peso importante para sua dimensão objetiva. Seria preciso, portanto, enfatizar que esta sugestão situa-se no caso de "histórias de vida" e do que permitem conhecer sobre uma relação social e sem descartar as diferenças entre os sujeitos desta relação. Se eu tomasse cada uma das entrevistadas como uma história de vida, como biografia, alargando o espectro de suas vidas, cada uma, em si mesma, teria relevância. Mas, neste caso, creio, os termos seriam diferentes. A história de vida de Isabel, com alguns complementos, seria exemplar sobre o processo de migração feminina do campo para a cidade, e sobre processos internos ao trabalho doméstico assalariado: em sua própria história há quase uma história das formas que este trabalho pode assumir. A história de vida de Beatriz seria exemplar sobre as transformações da experiência feminina nas classes médias urbanas e sobre os processos de transformação da família. E ambas mostrariam a singularidade de sujeitos vivendo estes processos e os interpretando.

O que apenas reafirma que as histórias de vida continuam sendo instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade.

No caso preciso de minha análise possibilitaram ainda, como em um jogo de espelhos, mostrar a complexidade de uma relação vivida por mulheres que têm em comum uma atribuição

ao doméstico mas que nele se situam de forma distinta. O que eu não sei é se "Isabel" estaria na narrativa de "Beatriz", e vice-versa, se o tema não lhes tivesse sido posto. Na narrativa não sei, mas na experiência social de "ambas", certamente.

**EXPERIÊNCIAS SOCIAIS, INTERPRETAÇÕES
INDIVIDUAIS:
histórias de vida, suas possibilidades e limites**

Resumo:

Neste artigo a autora analisa histórias de vida como fontes de informação, como evocativas e como reflexão. Esta tripla dimensão permitiria combinar uma análise que leve em conta a objetividade e a subjetividade. Ao propor intercruzar estórias de vida é sugerido que este instrumento poderia, ao mesmo tempo, permitir o acesso a experiências e interpretações particulares e a níveis distintos de generalidade.

As duas estórias de vida, de duas mulheres, falam de uma relação entre patroas e empregadas domésticas.

**SOCIAL EXPERIENCES, SINGULAR
INTERPRETATIONS:
life stories, their possibilities and limits**

Abstract:

In this article the author explores life stories as expression of information, as evocation and as thought. Through the analysis of the criss - crossing of two life stories the author shows how considering the three mentioned aspects of life stories its is possible to conciliate objectivity and subjectivity, social experiences and singular interpretations. The life stories of two women tell about them and about a specific social relationship: the relationship among a master and a domestic servant.